

filha da louca

MARIA FRANCISCA GAMA

3.^a edição



*Vai ser sempre para o Miguel,
o amor da minha vida,
e, daqui em diante, também para a Amália,
a flor mais bonita do jardim que regamos todos os dias.*

«Ultimamente acordo a levar na cabeça e adormeço a levar nos cornos
Nem sei se existe alguém que mereça metade daquilo que nós fomos
E ainda somos o paraíso de onde floresceram todos os meus sonhos
Aqui também chove, pisámos o risco virámos pra onde?»

Ultimamente, SLOW J

Prólogo

Achei que tinha gravado a minha infância em granito e que, por isso, resistiria ao tempo, à chuva, ao vento, à erosão e à tentação de, mais tarde, a embelezar ou deteriorar, fazendo uso da imaginação. Tenho dado conta de que estive sempre em papel, e que é frágil e rasurável. Ainda há uns dias, entornei-lhe um copo de água em cima e, agora, só a vejo distorcida, incompleta, confusa. Para poder continuar, sabendo quem sou e para onde devo ir, tenho de preencher os espaços em branco, colmatar as falhas de memória, procurar lembranças e apetrechá-las de ilusões, hipóteses a que consiga atribuir valor de certeza, se acreditar com muita força. Vou acreditando, preciso de ter raízes para um dia sonhar ter flores.

Vejo a minha infância mais feliz do que terá sido, menos dramática do que precisaria que tivesse sido para me justificar hoje, e desenho-a linear, uma reta que começa estável lá em cima, naquele dia, as lágrimas de euforia, a comoção — é assim que o imagino, desse dia não poderia ter memória —, mas, daí em diante, vai descendo e estabiliza num lugar aparentemente calmo, aquele que me viu crescer.

Lá fora, vê-se um jardim arranjado, há roseiras de todas as cores, o chão é cinzento e tem pequenas pedrinhas noutros tons, agora perdidos nas manchas de figos pisados, esquecidos e espezinhados, deixados para apanhar antes que caiam. O lugar de estacionamento da carrinha do meu pai está vazio: lembro-me dessa parte da minha infância, de ansiar que ele regressasse, de temer que aquela sequência sonora se perdesse por entre todos os outros sons, do ruído da cidade não tão distante assim.

Primeiro, uma nota metálica, única, característica. Depois, o silêncio, oposto aos últimos minutos de sibilo constante. A água já estava fervida, a chaleira elétrica desligava-se sozinha e era assim que eu sabia que o meu pai ainda não tinha bebido café, mas que, em breve, sairia, e só à noite poderia confirmar o seu retorno. Aí, o barulho do motor de um carro a aproximar-se, um chiar estridente do travão a precisar de novas pastilhas, o bater da porta do carro e, segundos depois, da porta de casa.

Durante o dia, ficávamos só as duas. Ouviam-se risos, mas também alguns berros, e, de vez em quando, encontravam-me escondida debaixo da mesa, ou magoada nos joelhos, por ter saltado do topo da escada para o rés do chão, encorajada pela minha mãe, que me dizia saber que eu era capaz de voar. No entanto, na maior parte dos dias, espreitavam pela janela e estávamos só ali, as duas, no nosso mundo. Havia canetas de feltro espalhadas, a música estava muito alta ou, então, a casa estava mergulhada num silêncio profundo, semelhante ao vazio de almas, e tudo parece estar bem, ser normal.

Vejo-nos a cozinhar, e a mim, pequena, a tentar subir a um banco para alcançar a bancada de mármore e descascar ervilhas. Adorava aquele exercício: retirar as bolinhas de uma espécie de capa protetora, verde e comprida, e atirá-las para um alguidar para, mais tarde, a minha mãe as estufar com ovos escalfados. Também nos vejo no sofá, enroscadas como se fôssemos uma só, absortas na televisão, havia muito sangue, ouviam-se disparos, a minha mãe gostava de policiais.

Se fosse sábado ou domingo, éramos três. Se fosse verão, ajudava o meu pai na horta, mas também podia contar histórias à minha mãe, que permanecia deitada na cama como se não soubesse que o dia já começara. Os estores estavam para baixo, sempre para baixo, e, por isso, até aí, parecia uma noite de inverno.

Dependia dos dias. Essa foi a base da minha infância.

PARTE 1

1

Uns dias depois de o meu pai morrer, desconfiei, pela segunda vez na minha vida, de que talvez fosse invencível, imortal: se sobrevivi, se continuo viva, se escrevo, se não é isto que me mata, talvez eu não seja das que morrem. Este raciocínio não me apaziguou e muito menos me fez sentir especial. De quanta dor terei de ser feita até só ela me restar?

Há qualquer coisa que se parte. A imagem não é tão visual quanto um copo de vidro estilhaçado, assemelha-se mais a um touro atacado que, saído da arena, ainda é calcado e, depois de esventrado, entregue à ciência curiosa. A diferença entre nós é que o touro já está morto quando é aberto, não sente essa invasão, o voyeurismo de quem quer conhecer o tamanho do seu sofrimento, as sequelas que a violência lhe infligiu. Eu, por outro lado, assisto a esse apodrecimento de quem sou, vejo-me no passado, estou carregada de memórias e, estando aqui, continuando aqui, sei que tenho de caminhar, que ainda não é a minha vez, mas custa-me muito ver estrada.

Há qualquer coisa que se desfaz, que se rasga, que mancha. Não é um corte cirúrgico feito com precisão e passível de cicatrizar, é ter o corpo aberto com uma motosserra desgovernada, não saber como tudo começou e não ter onde terminar.

*

No dia em que o meu pai morreu, tive a certeza de que não existia mais ar para eu respirar. Abri a boca, as narinas, enchi o peito o máximo que consegui, e tentei inspirar qualquer coisa,

uma réstia de vida, o que sobrava, um pouco que fosse, mas parecia-me impossível expirar de seguida, estando como eu estava, vazia, inócua. Acreditei, nesses minutos de choque, atropelada pelas palavras gentis de quem se esforçava por aligeirar a morte, em apneia, que nunca mais iria conseguir respirar, órfã, também sem o meu pai... E aí, entre todas as coisas, o contacto inesperado com a morte é cheio de sentimentos e, ao mesmo tempo, um marasmo feito de espasmos, pensei: *foda-se, a culpa é minha, a minha mãe sempre me disse que as plantas nos roubam o oxigénio, e eu enchi a casa delas.*

2

«As plantas não roubam coisa nenhuma», oiço o meu pai explicar-me com paciência. Nunca lhe prestei tanta atenção quanto agora, que posso escolher o que comigo partilha. Dir-me-ia isto ou estarei a manipular a sua voz?

*

O meu pai desapareceu de um dia para o outro. Há vários anos que não pensava na sua morte — neguei-a, rejeitei a ideia, cristalicei a sua presença na minha, como se, sem ele, eu não pudesse existir —, mas, agora que a sei, que está consumada e é irreversível, questiono-me se não teria sido mais justa uma doença prolongada ou um acidente ligeiro que terminaria em morte por uma complicação hospitalar qualquer, não sei, merecíamos termo-nos despedido. Tinha muitas perguntas para lhe fazer, e que, infelizmente, não foram com ele nem perderam sentido: a única coisa que a morte do meu pai me trouxe foi a certeza de que não terei respostas.

Estávamos os dois à mesa, na sala onde dei os meus primeiros passos, quando o vi a agarrar-se ao peito. Foi tudo muito rápido, a mão direita a verificar o seu corpo, parada no lado esquerdo do peito, a expressão assustada, os olhos esbugalhados, a dureza do tronco, como se todo ele tivesse sido atingido por um relâmpago, a descompostura imediata. De um segundo para o outro, passou de estar sentado numa cadeira para deitado no chão. Levou consigo a toalha, a que se agarrou para tentar não cair, e os pratos, e os copos, e o resto do jantar — um bacalhau

no forno que nunca mais cozinharei —, e, assim que me levantei e me atirei para junto dele, pronta para o ajudar, na esperança de que houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer, ficou o olhar. De pena, de preocupação. Naquele olhar, estavam as memórias da sua infância, dos irmãos com quem foi perdendo ligação, dos pais de quem também não teve oportunidade de se despedir, dos primeiros beijos dados à minha mãe, das suas gargalhadas, talvez qualquer coisa minha que o impressionara no meu crescimento, que o engrandecera, agora que tínhamos uma relação mais próxima, nunca saberei... Estava a vida dele, aquilo que ficava, o que deixou aos outros, e o desejo de que eu soubesse que, se me conseguisse dizer alguma coisa, naquela fração de segundo em que ainda podia raciocinar, mas em que já não se conseguia expressar, dir-me-ia exatamente aquilo que eu precisava de ouvir. Já não o pôde fazer e, por isso, fiquei com a responsabilidade de o fabular, de o construir em mim. Tentei ouvir baixinho, ainda na sua voz, «vai, continua».

Naquela noite, estávamos à mesa, a jantar sem tema de conversa, o silêncio era uma constante na nossa casa de há uns anos para cá, celebrávamo-lo depois do caos — o silêncio nem sempre é mau, no silêncio, vive a paz e também persiste a guerra, mas nós estávamos a ficar bem —, ninguém estava aborrecido nem extraordinariamente animado. Nada de importante se tinha passado, não havia nenhuma urgência. Há dias em que se têm coisas para dizer; noutros, não. Estávamos em silêncio, mas tínhamos a televisão ligada, era esse o nosso ruído, o que nos permitia estarmos confortáveis, nunca o tínhamos dito — foi uma das coisas sobre as quais nunca falámos —, mas era um entendimento nosso, ocupava um espaço que estava vago, que tinha sido esvaziado à medida que as reminiscências da minha mãe se tornavam mais ténues e que essa constatação me parecia uma traição, dolorosa, difícil de reverter.

Naquela noite, em que eu deixei o bacalhau demasiado tempo no forno e em que quase afoguei o lírio da paz que o meu

pai tanto estimava, estrategicamente encostado num canto da bancada da cozinha para apanhar luz solar direta, estávamos a ouvir o noticiário e soubemos que haveria greve dos motoristas de transportes públicos dali a dois dias. Foi aí, antes de a greve se realizar, quando ainda só era um anúncio, que o meu pai, depois de suspirar, conformado, começou a tossir, como se tivesse um corpo estranho na garganta. Ao início, não dei importância, mas, entre esse instante e os minutos que se seguiram, aconteceu, ali mesmo, uma cena de um filme: nublada, confusa, sem efeitos especiais. O meu pai foi erguido por dois estranhos, numa maca desdobrada com perícia, e levado para fora de nossa casa. As luzes da ambulância enfeitavam as paredes exteriores de onde sempre vivi, e eu tornava-me só, mais ainda, para sempre só.

*

Entre a morte da minha mãe e a do meu pai, passaram sete anos. Estes dois acontecimentos são os melhores e mais rigorosos marcos da minha vida, porque, depois de cada um deles — antes e depois de cada um deles —, eu fui, sou e serei outra. A morte que parte, rasga, desfaz e mancha é a mesma que ergue, inventa e reconstrói.

Viver a morte, aos dezoito anos, de quem nos deu vida é diferente de a viver aos vinte e cinco. Perder uma mãe, como a minha era, com todas as coisas que isso implicava, com a ligação que tínhamos, com o espaço que ocupava em mim, é diferente de perder um pai que se fez notar aquando de uma ausência, que habitou no vazio que a minha mãe deixara, como se, antes disso, não houvesse um canto em mim para ele. Cada um deles teve um papel, mas o do meu pai foi secundário e o da minha mãe foi um papel absorvente, grande, volumoso, que não se deixa agrafar com outros, nem nunca se arredou para que coubessem mais numa pasta de plástico.

No dia em que a minha mãe morreu, tive a certeza de que não conseguiria voltar a caminhar, porque não existia mais chão. Agora que o meu pai também desapareceu para sempre, depois de se ter esforçado, durante sete anos, para que eu levitasse, reconheço a importância que tenho, daqui em diante, na minha sobrevivência. Talvez consiga mesmo voar.

*

Somos jovens, morre-nos uma mãe, no entanto, o período letivo tem de continuar e não há tempo a perder. Somos adultos, morre-nos um pai, mas, passados cinco dias, temos de estar prontos para regressar ao trabalho: chamam-lhe nojo, o período de nojo, e eu não diria melhor.

3

Sou órfã. Antes de mim, já não há nada; depois de mim, também não tenho esperança de que exista coisa alguma. Sem pais, sem avós, sem tios ou primos próximos, a minha existência parece ter brotado à beira da autoestrada, como uma chaga que germina no alcatrão estéril, pequena e isolada.

De agora em diante, sou só eu. Não há ninguém a quem eu importe, nem a quem cause preocupação. Ninguém torce por mim, nem espera qualquer coisa. Não há justificações a dar, nem a pedir. O jantar será sempre o que eu quiser, se quiser jantar. Posso comer uma taça de leite com cereais (o seu conteúdo ou até mesmo a peça de cerâmica) ou um pacote de bolachas ou beber apenas água. Não preciso de aspirar tantas vezes porque o chão vai continuar, ainda assim, imaculado, sem sombra de uma vida no exterior, sem restos de terra ou camadas finas de farinha e fermento, pois não farei um bolo só para mim. Não vai haver berros — como aqueles que a minha mãe às vezes dava —, nem gargalhadas, que também eram, tantas vezes, mais sonoras se suas, nem conversas sussurradas, porque sou só eu... E eu não falo sozinha, não me rio sozinha, não vejo com quem me poderei aborrecer sozinha. Estará tudo em silêncio.

Há que ver as coisas boas: não tenho de cheirar mais vezes o pivete a gásóleo nem de regressar a uma bomba de gasolina. (Só se for mesmo preciso, mas acho que não, não vejo razões para tal.) Nunca conduzi, não tenho carta, só lá ia à boleia do meu pai, sentada na carrinha, com os dedos a tapar o nariz. Ah, e não vou voltar a ir ao cabeleireiro, nem às unhas, nem a lojas de roupa com muitas luzes e cores, sítios que visitava esporadicamente com

a minha mãe, nos dias em que ela estava para aí virada. Não mais, nunca mais.

Devia sentir-me mais livre, uma vez desprendida das expectativas dos outros, dona e senhora do meu futuro, mas a orfandade é um lugar assustador, porque és só tu e, apesar disso, é tudo muito apertado, claustrofóbico, como se mingasses num mundo em que todos são gigantes: ninguém te ouve, ninguém te vê, e, se te distraíres, podes acabar esborrachado.

Sem pais, não há antes; sem filhos, não parece haver depois. O que somos, o que eles eram, perde-se em mim, as coisas que me ensinaram, os traços que me emprestaram. Não os devolverei, mas também não os passarei a ninguém. Talvez seja pelo melhor, olhando a tudo.

O tempo vai passar e, um dia, já não saberei o que sou eu e o que são eles em mim, porque, ao perdê-los, perco também essa possibilidade de os olhar e, nesse exercício de comparação, de me compreender. Despida de referências, sem ponto escondido debaixo do palco a quem perguntar a fala esquecida, a orfandade é um estado doloroso de dúvidas, em que a única certeza é que não vai aparecer ninguém que o colmate. Sem pais, sem origens, sem destino.

4

No dia seguinte, a braços com tudo o que é preciso tratar na morte de um pai, liguei para uma agência funerária. Atendeu-me uma senhora, gentil, bem-disposta, despachada, porque a morte é lucrativa e, depois de consumada, não tem tempo para aguardar na fila.

«Funerária Matos e Reis, bom dia. Em que posso ser útil?»

Há vozes que sorriem, e que o fazem com a boca muito aberta, sendo impossível ignorá-las. A simpatia chocou-me, foi uma afronta, mas, para ela, era mais um dia de trabalho, só para mim é que era o dia em que estava a tratar das coisas para enterrar o meu pai. Sentir-me-ia melhor se ela tivesse sido mal-educada?

Descobri, minutos volvidos, que morrer implica custos, e estar morto, bem acomodado, num sítio bonito onde os outros nos possam ir visitar, onde possamos, pelo menos, ter essa esperança, da visita, da lembrança, é um privilégio. Não sabia disso, nem sabia quanto dinheiro tínhamos, nem se chegava para o funeral e para a campa: ainda estava, aí continuo, à procura de um trabalho estável e mais ou menos bem pago, e o meu pai, nos últimos tempos, dizia que a loja já tinha visto dias melhores.

«Até os agricultores se esquecem de nós. Os pequenos negócios têm os dias contados.»

Estava assustada, preocupada com a hipótese de fazer alguma coisa de mal, que prejudicasse tremendamente o meu pai e o seu descanso, não fazia ideia de como as coisas funcionavam, estava a fazer aquilo que os vizinhos me tinham dito ser necessário

quando viram, ainda dentro das suas casas, que tínhamos uma ambulância estacionada na rua.

«Agora é ligar para uma agência funerária que eles tratam de tudo», disse-me um.

«Não se esqueça de ver se tem direito a subsídios, deve ter, como a sua mãe também já morreu e ainda é miúda», dizia outro.

«Não lhe estejas a dizer que tem direitos que depois não tem, ela não anda na escola, já é maior de idade, pode já só ficar com a herança, se houver... Ao menos, a casa fica paga!», dizia-me a mulher do último, enquanto se baixava para me agarrar na mão, a mim, que estava apenas parada, sentada no lancil do passeio, a ver uma ambulância a levar o meu pai. Fiquei em silêncio, apática, mas retive que era preciso encontrar uma agência funerária.

«Minha querida, preciso que me arranje um fato para o seu pai», ouvi do outro lado da linha.

«Um fato? Para quê?»

Riu-se e depois pediu desculpa. Eu disse que não fazia mal, que estava confusa. Também pedi desculpa pela minha pergunta, inconveniente e descabida.

«Para ser enterrado, minha querida. Não quer que o seu pai seja enterrado com uma roupa qualquer, pois não?»

Respondi-lhe que não, mas não sabia o porquê. Nunca tinha ido a um funeral — nem sequer ao da minha mãe —, e não queria ver o meu pai num caixão, nem me parecia que alguém o pudesse querer ver assim, morto. E, além disso... que sentido fazia? O meu pai nunca usara fato, não era assim que andava, talvez o único dia em que o tenha envergado tenha sido no dia do casamento com a minha mãe, sim, talvez ele ainda o tivesse... Como é que eu saberia se ainda lhe servia? Não teria o meu pai engordado, emagrecido, mingado ou ficado mais crescido, como eu dizia em pequena? Como se vestiria? Quem o ia vestir? O meu pai não gostava que fizessem as coisas por ele, nem que o ajudassem, lembro-me de lhe oferecer as minhas mãos para a horta

e aquilo que tinha aprendido na escola para a loja, esperançosa de que passássemos mais tempo juntos, de que eu pudesse ser-lhe útil, e de o ouvir dizer que, sozinho, conseguia, e que eu alcançaria coisas melhores, mais importantes para fazer. Viveu sempre preocupado com a hipótese de incomodar, eu via a forma como olhava para a minha mãe e para mim, os silêncios, o cuidado em não ser notado, as cedências, o receio de poder ser acusado de estar a estorvar.

«É como se eu não estivesse aqui, não estou aqui, não quero incomodar, a tua mãe é que sabe, é como ela quiser, fica ao pé da tua mãe, não te preocupes que eu estou aqui, mesmo que não me vejas, tomo conta de ti ao longe, a tua mãe está sempre contigo, o pai, também, mas nem sempre está tão perto como a mãe está», expressões como estas, frases repetidas, a sensação de o meu pai viver numa casa que não era dele.

Em retrospectiva, o meu pai andou a vida toda — pelo menos, aquela da qual fiz parte — de bicos de pés, de meias ou descalço, mudo, transparente. As coisas nunca foram como ele queria, ou talvez possam ter sido por coincidência, num dia em que a sorte estava do seu lado. Nunca lhe ouvi um pedido, uma reclamação, uma exigência. Para ele, era como a minha mãe quisesse — e ela pedia, reclamava, exigia —, da forma que melhor lhe parecesse, que menos a incomodasse. O meu pai não a queria desvairar, era esse o medo dele: que a minha mãe ficasse desvairada.

«Então, consegue vir cá entregar a roupinha do seu pai hoje?»

*

Assinto, desligo a chamada e levanto-me do sofá onde estive nas últimas horas, atónita, numa dança solitária entre estar introspectiva, recolhida em mim, e ver-me de fora, como se nada disto me tocasse. O meu pai morreu, nunca mais o vou ver, sem ele, não sou nada, estou sozinha para sempre. O pai daquela

rapariga ali deitada no sofá morreu, coitada, vejo-a ao longe, deve ser difícil, não imagino o tamanho da sua dor, graças a Deus que tenho pai, que bom que ele regressa a casa ao fim do dia, todos os dias, é saudável, está cá para as curvas, sinto muito pela dor daquela ali.

Entro no quarto do meu pai, que antes era o quarto da minha mãe. Sempre o apelidei assim, o quarto da minha mãe, ainda que o meu pai ali tivesse as suas coisas e, na cama, coubessem dois.

Tudo está como dantes, arrumado, insuspeito: a cama está feita, os estores estão para baixo, a luz do candeeiro de leitura está apagada. Sei que tenho uma missão, que não estou ali por estar pronta para arrumar as coisas dele, para as doar ou vender (como me aconselhou também, no dia anterior, uma vizinha despachada e insensível), e muito menos por o querer recordar, por precisar de encontrar o seu cheiro, as suas roupas, o que seja. Não é isso, ainda é tudo muito recente, lembro-me dele como se fosse ontem, porque, ontem, jantámos e ouvimos que, dentro de dois dias, não valia a pena tentar apanhar o autocarro.

«A que horas precisas que te leve ao trabalho? Não vais chegar atrasada e, com os transportes, nestes dias, já se sabe que não se pode contar.»

Estou ali porque a dignidade do meu pai, do seu fim, está nas minhas mãos. A senhora da agência funerária explicou-me que todos os mortos são enterrados compostos, bonitos, aperfeiçoados. Quer tenham sido engenheiros, doutores, artistas, pedreiros ou varredores de rua, Deus recebe-os melhor engravatados.

*

O meu pai tinha uma loja de produtos agrícolas. Vendia plantas, pesticidas, sementes, pequenas alfaces, adubos. Saía de casa todos os dias cedo para a abrir, não tinha folgas, não

aproveitava os fins de semana para descansar, não celebrava os feriados. Na maior parte das manhãs, via-o apenas de rajada, encontrava-o de pé, junto à janela da cozinha, a olhar lá para fora, com um café a fumegar nas mãos. (Às vezes, assemelhava-se mesmo a uma rajada de vento, era invisível, sentia-o presente pelo cheiro a fertilizantes ou a café acabado de ferver; noutras, era o som do motor do carro a aquecer ou a visão do espelho da casa de banho embaciado.) Chegava muitas vezes já a noite tinha cerrado, com a camisa de flanela que usava no inverno ou a camisola de manga curta no verão, sujas com restos de terra ou riscadas de caneta, porque as tinha espalhadas em cima do balcão da loja, sem tampas, e era com elas que fazia todas as contas. Recusava-se a usar calculadora para chegar ao troco ou para dizer quanto lhe deviam: era uma das modernices a que não sucumbia, talvez também porque, na espera pela resolução dos problemas matemáticos, o meu pai conversava com os clientes, ouvia-lhes os dilemas e afastava-se dos seus.

Recordo-me de mais coisas do meu pai e dos motivos pelos quais não usava fato nem gravata. Andava muito de carrinha, fazia entregas das coisas mais pesadas que vendia, como sacos de batatas ou de dez quilos de fertilizante para frutíferas, embalagens com pesticidas e remédios para matar os bichos das árvores de fruta. Percorria muitos quilómetros ao volante, outros tantos entre cargas e descargas, da loja para a carrinha e da carrinha para as quintas de quem lhe solicitava os produtos. Apesar dos anos que já tinham passado por ele, e de sempre ter tido aquela loja, parecia renovar o seu encantamento pelo trabalho, pelas pessoas que o visitavam, por aqueles que se tornavam clientes.

«E a sua filha, como é que vão os estudos?»

«Em março, plantou aqueles morangueiros trepadores, não foi? Pelas minhas contas, a sua mulher já consegue fazer uma salada de fruta para o mês que vem.»

«Dona Rosa, é como lhe digo: isso são piolhos... E mais vale estarem no limoeiro do que na cabeça dos seus netos, que para isso não tenho nada para lhe vender.»

E, também por isso, com o intuito de fidelizar a clientela, fazia fiado: dizia-lhes sempre que podiam pagar depois, e deixava-os espantados quando, ao agradecerem esse adiamento, não o viam a apontar em lado nenhum o valor em causa.

«Depois não se vai esquecer de quanto lhe devo?», perguntavam sempre.

O meu pai dizia que não, que tinha tudo guardado na cabeça, nome do cliente, nome do produto, quantidade, preço, e que, antes disso, confiava em cada um deles e sabia que voltariam para pagar assim que as árvores dessem fruta, ou fosse tempo de os agricultores venderem as colheitas nos mercados municipais ao sábado de manhã. (Na verdade, assim que os clientes saíam, o meu pai apontava tudo num caderninho. Fazia-o longe de quem não tinha como pagar logo porque sabia que, assim, não os melindraria. A honra de um cliente é importante; a bondade para com um amigo é uma forma de amor.)

*

O meu pai tinha as mãos calejadas, sempre com bolhas, enrijecidas, como se elas próprias se tivessem tornado gado-nhos de cinco dentes: eram instrumentos de trabalho da terra, cada vez menos humanas, cada vez menos parecidas às minhas mãos. Lembro-me de ouvir a minha mãe dizer-lhe que tinha de pôr creme, que não podia descurar a saúde. O meu pai ria-se e esticava-as na direção da minha mãe, como um recluso que se apresenta para ser algemado perante um guarda prisional, e, aí, ela massajava-lhe as mãos, enchia-as de creme e espalhava-o bem, tanto tempo quanto ele permitia,

num momento raro de cuidado em que a cuidadora era ela. Tenho algumas imagens assim, bonitas como esta: esses eram os dias bons.

*

Estou dentro do quarto do meu pai e perco-me nas memórias que tenho, interrogo-me porque não tenho mais, porque são todas tão recentes, porque não me consigo imaginar pequena ao seu lado, porque me parece que toda a minha infância e adolescência foram passadas com a minha mãe quando ele sempre esteve aqui, nesta casa... Mas tenho uma missão, há um propósito para eu estar neste quarto.

Abro o armário encastrado, alto, de madeira, onde o meu pai guarda a sua roupa. Está desarrumado, os cabides estão cada um para o seu lado, também eles parecem aborrecidos, uns cansados, quase estragados, a vergarem com o peso da roupa, outros despídos, às tantas incompletos como eu me sinto, e não há fato à vista. Vou buscar uma cadeira, tenho esperança de que o tal fato esteja guardado algures, no meio das coisas que ele nunca usava. Vejo, agora mais alta, uma caixa enorme, de plástico, branca, opaca, e parece-me que, no seu fundo, azul, bem dobradinho, feito quase em exclusivo de poliéster, está aquilo de que estou à procura.

Tento abrir a caixa, mas não consigo, o armário não tem altura, entre a caixa e a tampa levantada, não cabe o meu braço. Retiro-a e, numa tentativa de me manter hirta com tanto peso nos braços, desequilibro-me e caímos no chão.

Bato com a cabeça num dos ferros da cama e a cadeira para onde subi acaba em cima de mim, com as pernas para o ar. Sinto alguma dor, mas não é por isso que choro com esta sofreguidão toda. O sofrimento é mais fácil de exteriorizar quando há uma queda aparatosa e barulhenta.

Respiro fundo. Quero que seja indolor. O choque constrói dormência, mas a passagem do tempo desfaz-nos e devolve-nos lucidez, que vem com a tristeza, que, por sua vez, nos faz sentir tudo, demasiado. Abro a caixa, sinto qualquer coisa estranha, mas associo este mau pressentimento ao pudor que tenho de mexer nas coisas dos outros. Lembro-me daquela tarde, quando era pequena, em que abri uma caixinha da minha mãe. Mais do

que aquilo que vi — e que, na altura, não percebi o que era, que importância teria —, ficou a imagem do seu rosto, o horror, o embaraço avermelhado, a rigidez dos seus maxilares enquanto me ordenava que a voltasse a pôr no lugar.

«Não mexas nas minhas coisas!», gritou.

Um empurrão seco, desesperado. A sensação de não ter onde me agarrar, a diferença de força entre nós, a certeza de não estar em segurança, a surpresa que isso acarretava.

Larguei de imediato a caixa, deixei-a cair no chão, as coisas todas que lá estavam, um caderninho pequeno rabiscado, umas cartas, um colar, muitos comprimidos, tudo espalhado.

Recordo a expressão horrorizada da minha mãe, não sei se por me ver no chão, pronta a chorar, se por constatar que todo o conteúdo que ela tanto protegia, que parecia ser, até, mais querido do que eu, estava ali, à mercê de quem o quisesse ver.

«Estás bem?», gritou, muito perto de mim, enquanto me apertava, assustada.

Fiz que sim com a cabeça.

«Nunca mais mexas nas minhas coisas!», ordenou, ainda muito alto, ajoelhada no chão, agora a apanhar aquilo que pareceu que eu tinha destruído irreparavelmente.

«Foi sem querer», sussurro. «Eu não quero», sussurro, «mas tem de ser, pai, tens de estar de fato».

(Nestas andanças, prestes a abrir a caixa e a mergulhar no seu conteúdo, há uma coisa que me apazigua, apesar de toda a tristeza que também me oferece: ainda bem que a minha mãe não está aqui. Ela jamais suportaria perder o meu pai.)

«Era nesta máxima que eu me concentrava para amar: a minha mãe não é manipuladora, nem sádica, nem perversa. Se ela pudesse, não seria assim.»

Esta é a história de uma família: de um pai e marido que não sabia ser melhor, de uma filha que se esforçava por cumprir todos os papéis e de uma mãe e mulher que, aos olhos de todos, era louca.

Matilde viveu com os pais, Clara e António, até aos 18 anos, altura em que a mãe morreu. Sete anos depois, vê-se órfã, agora, também sem pai. E é então, dois dias depois da mudança abrupta — a solidão, a perda de referências, o silêncio e o vazio da casa —, que Matilde descobre algo que muda, irremediavelmente, a sua vida.

Uma narrativa comovente sobre como a infância e a adolescência se entranham em nós, sobre o peso do passado e da família, e como a morte de quem nos antecede cria um misto de vazio e liberdade. *Filha da louca* é, acima de tudo, um romance sobre como julgamos os outros e os diminuimos a rótulos, sem sabermos quem são ou do que precisam.

Maria Francisca Gama, autora d'*A Cicatriz*, tece novamente uma história poderosa e melancólica, que nos arrebatou da primeira à última página.




**Clube das
Mulheres
Escritoras**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 penguinlivros

ISBN: 978-989-596-434-5



9 789895 964345